

Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião

anais.est.edu.br/genero

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO



A TERRA QUE ANDA E CELEBRA: ENSAIOS PARA UMA LITURGIA PAMPEANA

The Soil that walks and pray: essays for a Pampean Liturgy

Renato Ferreira Machado¹

Resumo

O Pampa é lugar de origem de um tipo humano que enxerga o mundo a partir deste bioma: o gaúcho, filho de mulheres indígenas violentadas por espanhóis, que não é aceito pelo povo de sua mãe e não aceita o povo de seu pai. Andarilho e teatino, nômade sem terra, à semelhança de Abraão, sonha com uma terra prometida, mesmo desconfiando de qualquer promessa. No presente estudo pretendemos elaborar um perfil teológico do gaúcho, buscando compreendê-lo em sua eucaristia com o Pampa através das expressões artísticas que celebram esta condição. Ao realizarmos esta tarefa, destacaremos a cosmovisão gaúcha e os símbolos recorrentes de sua experiência existencial e teológica.

Palavras-chave: Gaúcho. Pampa. Simbologia teológica.

Abstract

The Pampa is the place of origin of a human type that sees the world from this biome: the gaucho, the son of indigenous women raped by Spaniards, who is not accepted by his mother's people and does not accept the people of his father. A wanderer and theatrical, landless nomad, like Abraham, dreams of a promised land, even though he distrusts any promise. In the present study we intend to elaborate a theological profile of the gaucho, seeking to understand him in his Eucharist with the Pampa through the artistic expressions that celebrate this condition. In carrying out this task, we will highlight the Gaucho worldview and recurrent symbols of his existential and theological experience.

Keywords: Gaucho. Pampa. Theological Symbolology..

Considerações Iniciais

O presente artigo tem o objetivo de contribuir nas elaborações teológicas a respeito de expressões culturais sul-rio-grandenses, identificando as forças religiosas presentes

¹ Professor Permanente do Mestrado em Memória Social e Bens Culturais e coordenador do curso de Pedagogia da Universidade La Salle; Doutor em Teologia pelas Faculdades EST. Contato: renatoferreiramachado@gmail.com

nessas expressões. No caso específico, lançamos um olhar a respeito de possíveis identidades teologicamente compreensíveis sobre o tipo humano conhecido como Gaucho ou gaúcho: habitante de uma fronteira específica da América Latina e oriundo de um bioma que lhe parece entranhado no corpo e verbalizado em canções e poesias. Para tanto, partimos do princípio ancestral de pessoa como “terra que caminha”, discutindo essa afirmação ao contemplar a especificidade do Pampa e seus habitantes.

Nossa opção, para tanto, é a de lançar mão de produções musicais que remetem a essa condição, não entrando em especificidades do campo da Geografia Humana, Antropologia ou História, uma vez que essas não são nossa área de atuação. Assim, no campo teológico, buscamos aproximações de nosso objeto de estudo com algumas abordagens do teólogo alemão Jürgen Moltmann, principalmente em suas digressões a respeito das questões ecológicas inerentes à Teologia. Do mesmo autor, nos servimos de sua teologia a respeito da criação, principalmente no que diz respeito à identidade humana delineada nessas narrativas. Pretendemos, com isso, propor algumas bases para uma possível liturgia, tradutora da condição humana presente no gaúcho.

Runa Allpakamaska

Runa Allpakamaska: o Homem é a Terra que anda². O antigo dito incaico pode ser compreendido como benção ou maldição sobre este ser denominado humano. Em ambos os casos, consideramos tratar-se de vocação. Cada pessoa é marcada por sua terra de origem, ao mesmo tempo em que integra as geografias que percorre em sua jornada existencial. Entre a “terra do ventre” e a “terra do túmulo”, seres humanos deixam-se marcar por uma diversidade de experiências, como terra lavrada e semeada, que deve frutificar e oferecer seus alimentos para saciar as fomes e sedes da vida. Sendo terra que anda, o ser humano vai se tornando esse solo que guarda muitas raízes e se revela mais fértil na medida em que acolhe novas sementes, que devem morrer para dar muitos frutos.

² Por não termos certeza se o dito incaico pretende abranger todos os gêneros sob a alcunha de “homem” ou se utilizava esta palavra apenas para se referir ao gênero masculino, assumimos, para nossa proposição, “homem” por pessoa ou, ainda, por ser humano, referindo-nos a todos os gêneros possíveis ao humano. Partimos, então do princípio de que todo ser humano é “terra que anda”.

Na canção “O Laçador de Barro”³, João de Almeida Neto apresenta a proposição de que se faça uma nova “Estátua do Laçador”, utilizando barro ao invés de bronze. O compositor e cantor expressa-se assim:

O material que usarei
 Há que ser desenterrado
 Dum costado de rodeio
 Nos paradores do gado,
 Pra que este barro contenha
 Restos de bicho e de gente,
 E quando moldado venha
 Com espírito vivente.

João de Almeida Neto parafraseia, em sua canção, a própria narrativa da criação presente no texto sagrado judaico-cristão, remetendo-se à própria etimologia da palavra “humano”, que outra coisa não significa a não ser “húmus”, ou seja, “terra fértil”. Em outro trecho, ainda, o autor diz:

Eu não farei uma estátua
 De bronze, quero de barro,
 De acordo com a estirpe guapa
 Do homem do meu estado.
 O bronze leva pros anos
 Um Deus imortalizado,
 E o barro é o cotidiano
 Do campo com seu trabalho.

Assim, ser “terra que anda” confere ao humano uma identidade em constante porvir e transcendência. Deixar de ser terra e tornar-se bronze condena o humano a uma identidade acabada, insuficiente para a vocação de semeadura e colheita que humaniza sempre e de novo. Nesta obra, João de Almeida Neto parece referir-se especificamente ao masculino e isso se respalda pela história de trabalhos pastoris eminentemente exercidos por homens, no Estado do Rio Grande do Sul. Barbosa Lessa, citando relatos do militar e viajante francês do início do Século XIX, Nicolau Dreys, descreve os gaúchos como nômades, presentes nas estâncias como peões e pertencentes a uma sociedade sem mulheres, semelhantes aos tártaros⁴. Da mesma forma, Manoelito de Ornellas, ao descrever a formação das povoações na atual fronteira rio-grandense, se refere a um tipo humano que se diferencia de açorianos, espanhóis e indígenas da região.

³ ALMEIDA NETO, João de. O Laçador de Barro. Intérprete: João de Almeida Neto. *Vozes Rurais*. Santa Maria: 2005. 1 Disco Sonoro. Faixa 08 (3min34s).

⁴ LESSA, Luiz Carlos Barbosa. *Rio Grande do Sul, prazer em conhecê-lo*. Porto Alegre: Age, 2013, p. 192-193.

Na metade do século XVII surgem os mestiços de espanhóis e índias, a cavalo, a conduzir gados do Paraguai para Buenos Aires e Soriano, através das fazendas jesuíticas às margens do Paraná e do Paraguai e, mais tarde, pelas fazendas da parte oriental, localizadas nos campos do Rio Grande. Esse mestiço, filho de espanhol e de índia, dono do espírito ousado do conquistador e da agilidade e perspicácia do aborígine, deu o primeiro rastreador, o primeiro desgarrador, o primeiro changador, e por vezes, egresso dos redutos subordinados à lei, foi também o quatrero, vagabundo dos campos e ladrão de gados. Está na figura lendária deste matreiro, dono de todos os segredos da equitação, o precursor do gaúcho, o próprio gaúcho primitivo, com todas as vantagens e prejuízos de sua condição de mestiço e todas as influências perniciosas do meio bárbaro⁵.

Em sua origem, portanto, a figura do gaúcho, mestiço e sem terra, parece caracterizar-se pelo não-ser e não-pertencer, ao mesmo tempo em que quase é confundido com a própria paisagem pampeana. Tal condição, romantizada em diversas manifestações artísticas sul-rio-grandenses, parece-nos ser, muito mais, motivo de sofrimento e incerteza para esse tipo humano, do que o contrário. E esta romantização e idealização das características nômades e independentes do gaúcho, podem levar a terrenos bastante perigosos.

Sangue e terra: de quem?

Pensar-se como “terra que anda” pode levar ao equívoco de pensar-se como representante unilateral de determinado lugar, advogando para si uma suposta “voz” desta terra e falando em nome dela. Tal distorção pode fazer brotar clamores como o Blood and Soil bradado por neonazistas em Charlottesville recentemente⁶. Sob essa visão a terra seria representada apenas por seus rebentos nativos, supostamente não miscigenados. Estes não poderiam abrir espaço para outras sementes, sob pena de esgotar seu solo. O equívoco, aqui, se encontra na falta de percepção de que “sangue e terra” tem seu valor na medida em que são sistemas abertos ao meio, realizando trocas e doando sua potencialidade para que a vida se multiplique.

⁵ ORNELLAS, Manoelito de. *Gaúchos e Beduínos: a origem étnica e a formação social do Rio Grande do Sul*. 5 ed. Porto Alegre: Edigal/Evangraf, 2012, p. 13.

⁶ No dia 12 de agosto de 2017, grupos supremacistas brancos realizaram uma grande manifestação em protesto à retirada de uma estátua do general confederado Robert E. Lee de um parque em Charlottesville, cidade universitária da Virgínia. O evento resultou no assassinato de uma manifestante antirracismo e vem provocando inúmeros debates a respeito da ascensão da ultradireita no governo Trump. Mais informações em: FOLHA DE S.PAULO. *Três morrem em marcha de supremacistas brancos nos EUA*. São Paulo, 13 ago. 2017. <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/08/1909433-extrema-direita-e-grupos-anti-racismo-se-enfrentam-em-confronto-nos-eua.shtml>>. Acesso em: 13 out. 2017.

Os complexos sistemas de vida são sistemas abertos. Estes sistemas de vida abertos são sistemas comunicativos que se desenvolvem em metabolismos e em trocas de energia cada vez mais ricas. Os sistemas de vida abertos são formas de vida simbióticas. Ligada à abertura dos sistemas de vida está também a amplitude de suas possibilidades. Quanto mais complexo é um sistema, mais possibilidades se abrem para ele⁷.

O sangue é importante na medida em que circula por diferentes órgãos, pois, ao parar, coagula-se e leva o corpo à morte. Se pensarmos em termos de genética, não é necessário pesquisarmos muito para constatar as consequências da eugenia. A terra, por sua vez, mais fértil se torna na medida em que acolhe os ventos, chuvas e aves migratórias que trarão novas sementes e novas possibilidades. Obviamente, de um ponto de vista estritamente mercadológico, “terra boa” seria aquela que produz em grande quantidade sempre a mesma coisa. Uma terra completamente cercada e manipulada para um único tipo de produção, porém, pode até frutificar em abundância, mas não se sabe por quanto tempo proverá a vida. Por isso, a lei sabática adotada pelo povo de Israel ordenava o descanso da terra, para que a própria terra expressasse suas frutificações: na terra em repouso, animais espantados pela atividade humana retornavam e pequenas plantas ceifadas para os cultivos ordenados voltavam a florescer⁸.

Em termos de representações culturais sul-rio-grandenses pode-se identificar claras tendências de fechamento identitário em movimentos separatistas e até mesmo em algumas dimensões do tradicionalismo gaúcho. Este movimento, surgido como consequência das pesquisas folclóricas de Paixão Cortes, Glaucus Saraiva e Barbosa Lessa, institucionaliza-se no auge da ditadura militar, com a fundação do MTG, em 1967 e acaba reverberando uma imagem distorcida a respeito da cultura do Estado do RS.

Somos contra o Movimento Tradicionalista Gaúcho, especialmente porque, em sua cruzada unificadora, construiu uma idéia vitoriosa de "rio-grandense autêntico", pilchado e tradicionalista, criando uma espécie de discriminação, como se a maioria da população tivesse uma cidadania de segunda ordem, como "estrangeira" no "estado templário" produzido fantasiosamente pela ideologia tradicionalista.⁹

⁷ MOLTSMANN, Jürgen. A Biotecnologia à luz da nova Neurobiologia e de uma Teologia Integral. *Humanística e Teologia*, Porto, Tomo XXVIII, Fascículo ½, p. 91-111, 2007, p. 107.

⁸ MOLTSMANN, Jürgen; BOFF, Leonardo. *Há esperança para a criação ameaçada?* Petrópolis: Vozes, 2014, p. 55-56.

⁹ GOLIN, Tau. Manifesto contra o Tradicionalismo. *Gauchismos*, 28 mai. 2007. Disponível em: <http://gauchismos.blogspot.com.br/2007/05/manifesto-contra-o-tradicionalismo_5243.html>. Acesso em: 25 set. 2017.

Tal distorção se dá na unilateralidade com que define a identidade do Estado, transformando em gentílico a descrição de um tipo humano específico e habitante das fronteiras sul-rio-grandenses, sem considerar a pluralidade étnica que sempre habitou a região. Paradoxalmente, o próprio gaúcho, conforme vimos estabelecendo até aqui, é exatamente o mestiço sem lugar fixo, reconhecido por não ser e não ter.

À sua imagem e semelhança

O teólogo alemão Jürgen Moltmann, ao descrever o ser humano na dinâmica da criação, destaca o fato de que a narrativa bíblica o coloca como última criatura a ser criada e que, moldado do barro, é imagem e semelhança da criação, antes de ser imagem e semelhança do Criador. Ao ter o Espírito da Vida insuflado em suas narinas, porém, passa a carregar a responsabilidade de interlocução entre Criador e criação, concretizando o ritual de comunicação transcendente entre os dois¹⁰. O mesmo autor, na obra “Deus no Projeto do Mundo Moderno” descreve o ser humano não como indivíduo, conforme diz nossa herança da modernidade e tampouco como simples membro de um grupo já existente - conforme seria em uma visão pré-moderna - mas como uma ressonância de relações¹¹. Ou seja, na terra que é o ser humano, encontra-se as marcas do tempo e do espaço, sempre em transformação.

No clássico conto “O Sul”, de Jorge Luiz Borges, há um personagem descrito da seguinte maneira:

No chão, encostado ao balcão, acocorava-se, imóvel como uma coisa, um homem bastante velho. Os muitos anos haviam-no reduzido e polido como as águas a uma pedra ou as gerações dos homens a um refrão. Era escuro, pequeno e ressequido, e estava como fora do tempo, numa eternidade. Dahlmann registrou com satisfação a faixa de pano na testa, o poncho de baeta, o amplo chiripá e a bota de potro, e disse a si mesmo, rememorando inúteis discussões com pessoas dos partidos do Norte ou com enterrerianos, que gaúchos desses só restam no Sul¹².

Mais adiante, no mesmo conto, o narrador se refere a esse personagem como se fosse o próprio “sul”. Este retrato pintado por Borges destaca o contraste entre um argentino oriundo do meio urbano e a paisagem que este vê descortinar-se diante de si ao

¹⁰ MOLTSMANN, Jürgen. *Dio nel Progetto del Mondo Moderno* – Contributi per una rilevanza pubblica della teologia. Brescia: Queriniana, 1999, p. 77-78.

¹¹ MOLTSMANN, 1999, p. 79.

¹² BORGES, Jorge Luiz. *Ficções*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 164.

sair da metrópole para conhecer terras que havia herdado. O ápice de seu encantamento e estranhamento com a paisagem se dá em um bolicho, ao anoitecer, quando se envolve involuntariamente em uma briga com campesinos. Desafiado, ele alega estar desarmado. É quando o “Sul” lhe oferece uma adaga, selando seu destino. A descrição do personagem borgiano vai plenamente ao encontro do que pretendemos com este estudo: ao denominar um personagem como “sul” e colocar-lhe características que remetem ao próprio bioma pampa, Borges parece sintetizar o tipo humano a que viemos nos referindo e alertar o leitor para a raridade do mesmo. O gaúcho Sul, de Borges, parece emergir das entranhas da terra, revestir-se das representações visuais simbólicas elaboradas nas culturas sulinas pampeanas e, silenciosamente, selar o destino daqueles que o encontram. Este personagem, porém, descrito como “uma coisa, um homem bastante velho”, dá a entender que ele carregava consigo muitas trajetórias e experiências, sem, porém, ter chegado a alguma conclusão destas. Continuava sendo um desgarrado que, por acaso, se encontrava naquele bolicho, naquela noite.

Changueiro de vida e lida

O gaúcho é o Pampa que caminha? Se for, como se caracteriza esse tipo humano a partir de sua paisagem de origem? Talvez um primeiro ponto a ser considerado seja o fato de que, essencialmente, o gaúcho seja um “sem-terra” - por isso, um guacho, ou desgarrado. Sendo assim, ele seria um peregrino por excelência, conforme descrito na canção “Changueiro de Vida e Lida”¹³:

Quando acabarem-se as esquilas
Pra onde irei? Pra onde irei?
Talvez changuear para juntar mais alguns pilas
Que sempre gasto mais depressa que ganhei.

Além de peregrino, a vida de inconstâncias parece moldar-lhe certo ceticismo, que beira o pessimismo. Ele sabe que, não tendo lugar, sempre terá de arranjar uma nova lida, onde ganhará alguma coisa para, logo depois, seguir adiante novamente. Essa lida pode ser a doma de cavalos ou a tropeada de um rebanho. Nada é seu e se ele não der conta da tarefa pode sair dela como devedor, mesmo sem ter posses.

¹³ FREITAS, Adair de. Changueiro de Vida e Lida. Intérprete: Luiz Marengo. *Andapago*. Pelotas: 2009. 1 disco sonoro. faixa 09 (5min02s).

No campo aberto
 Dessa vida toda
 Sou tropeiro errante que hoje passa.
 Farreando os magros sonhos
 Por pirraça,
 no rumo de uma noite sem aurora¹⁴

Assim se escuta na milonga “Tropeando”, da 1ª Califórnia da Canção Nativa de Uruguaiana, expressando quase uma não esperança, sem rumo ou projeto. Existe apenas o dever de levar a tropa ao seu destino. Mais adiante, porém, a mesma música dirá:

E quando, já no fim dessa jornada,
 Me disser que está perto o Patrão Velho
 A um taura vaqueano da chegada.
 Com o chapéu de aba bem tapeada,
 Quem viveu tanto a rebolear um relho
 Sem ter perdido a tropa pela estrada.

Há, portanto uma chegada, mas parece não interessar onde, mas como se chega, ou seja, sem ter perdido a tropa pela estrada.

Pode-se fazer, neste ponto, um paralelo com a narrativa bíblica a respeito de Abraão, que deixa tudo o que tem e conhece em nome de uma promessa. Ao mesmo tempo em que o patriarca bíblico experimenta uma liberdade de não ter nada, experimenta as angústias de não contar com as garantias de quem já se encontra estabelecido. Abraão sofre com isso, mas, ao peregrinar com esperançosa teimosia, torna-se cético quanto a promessas fáceis e divindades sedutoras. Também tropeça e comete injustiças, como ao expulsar Hagar e Ismael de seu acampamento ou ao apresentar-se como irmão de sua esposa para que o Faraó poupasse sua vida, na perspectiva de desposar Sara. Ao mesmo tempo, Abraão não hesita em acolher três estranhos em sua tenda ou a convencer Deus a adiar a destruição de Sodoma, até que ele encontrasse os justos que habitavam a cidade.

O gaúcho surge do estupro de mulheres indígenas por parte de espanhóis. Por conta disso, é rejeitado por sua ascendência materna e rejeita sua ascendência paterna. Ele é um desgarrado, solto no mundo, que tem nessa condição liberdade e sofrimento, mas não libertação. Como canta Noel Guarany, em “Destino de Peão”¹⁵:

¹⁴ DUARTE, Colmar; SILVA FILHO, Júlio Machado da. Tropeando. Intérprete: Grupo de Arte Nativa Marupiaras. *1ª Califórnia da Canção Nativa do RS*. Porto Alegre: 1971. 1 disco sonoro. Lado B, faixa 4 (3min).

¹⁵ GUARANY, Noel. Destino de Peão. Intérprete: Jorge Guedes. *A Volta do Missioneiro*. Porto Alegre: 1996. 1 disco sonoro. Faixa 09 (3min12s).

Eu até estive pensando
Em construir um ranchinho,
Nem que seja pequeninho.
Já dormi muito em galpão.

O sem-terra quer terra. O peregrino quer chegar. O gaúcho quer ter para onde voltar.

Uma liturgia pampeana

O conjunto dessas características coloca o gaúcho diante da questão que a todo ser humano se impõe: qual seria o sentido último de tal existência? No caso concreto, de um peregrinar existencial que parece transparecer desencantamento, caberia mesmo a pergunta sobre a real existência de tal sentido. A busca por estas respostas pode levar à revelação de dimensões e sentidos da vida que até então se encontravam ocultos. A expressão desta revelação dá a conhecer o ser humano que transcende e abre-se a um sentido definitivo do viver. E, nisso, entramos na linguagem litúrgica.

Com demasiada frequência confundido com elementos cerimoniais, 'liturgia', assim como 'serviço', é de origem secular. Provém do termo grego leitourgía, composto de palavras que designam trabalho (ergon) e povo (láos) [...] Em outras palavras, trata-se da quintessência do sacerdócio de todos os crentes compartilhado por toda a comunidade sacerdotal dos cristãos¹⁶.

Ampliando o sentido da afirmação de White para o de mediação entre transcendente e imanente, sinalizada na condição sacerdotal, precisamos perguntar sobre as imanências que inspiram o horizonte transcendente do gaúcho, para determinarmos as possíveis mediações. Nosso ponto de partida, nesse sentido, não poderia ser outro, a não ser o bioma de onde se origina esse tipo humano: o Pampa.

As aparições do pampa e do gaúcho para mim, involuntárias, inesperadas, garantiam seu sentido para lá de qualquer reducionismo. Eu não fora remetido à sua significação contaminada, não estava olhando um cartão postal ou a imagem de um santo. Minha atenção se dirigia à sua atmosfera melancólica e introspectiva e à sua alta definição como imagem – a figura bem delineada do gaúcho, o céu límpido, o campo imenso de um verde regular, a linha reta do horizonte. Essa nítida e expressiva composição de poucos elementos, que o frio fazia abrigarem-se em si mesmos, não desperdiçarem energia e se alimentarem das próprias reservas como ursos a hibernar, sugeria uma natureza resultante de um trabalho ao mesmo

¹⁶ WHITE, James F. *Introdução ao Culto Cristão*. São Leopoldo: Sinodal, 2012, p. 18.

tempo casual e criterioso, e denotava rigor, profundidade, concisão, clareza, sutileza, leveza...¹⁷

Que expressões reverenciais simbólicas podem surgir do ser humano que enxerga o mundo a partir desta paisagem? Como um solitário que, ao encontrar-se com outros solitários, partilha causos, bravatas e trovas expressa sua busca de sentido? O Pampa, lugar do não lugar e de silêncios eivados de ventos pode inspirar um profundo culto do caminhar constante, do peso de uma liberdade paga com o despertencimento e da fé na chegada no rancho que acolherá o cruzador em sua última passagem.

Neste mesmo Pampa entranhou-se o sangue das guerras que assolaram, século após século, esta região do mundo. No Pampa repousam vítimas de toda sorte de violência, silenciados pelas disputas de fronteiras nacionais e de terras particulares: sesmarias e latifúndios, que relegaram a centenas de pessoas um êxodo sem Páscoa. Desse caminhar vem o gaúcho. Que esperança ele tem a celebrar?

Considerações Finais

Posto isso, podemos arriscar algumas considerações. Se o gaúcho é um peregrino, ele é o conjunto de experiências de suas peregrinações. Uma vez que seu peregrinar se dá em função dele ser fruto de um não lugar, desde sua concepção miscigenada, sua esperança não brota de uma promessa imediatista, mas daquilo que ele intui a partir de sua experiência. Seu ceticismo e desencantamento provocam para um aprofundamento das esperanças que alimenta e que lhe movem: é preciso levar a tropa até o fim, sem que ela se perca na estrada, para acreditar que algo é possível.

Por essa razão, para muito além de celebrações cívicas, em função de recortes históricos de guerra, como atualmente se dá no Estado do Rio Grande do Sul, afirmamos que a vida presente no tipo humano que habita o sul da Terra vai muito além desse tipo de compreensão.

O gaúcho andarilho está sempre voltando para um rancho que ainda não existe e sua vida é celebrada nessa esperança. Um dia a jornada termina e ele cevará um mate novo para sorver suas lembranças. Até lá, os corredores estão abertos para novas campereadas.

¹⁷ RAMIL, Vítor. *A Estética do Frio*. Pelotas: Satolep Livros, 2009, p. 20.

Referências

- ALMEIDA NETO, João de. O Laçador de Barro. Intérprete: João de Almeida Neto. *Vozes Rurais*. Santa Maria: 2005. 1 Disco Sonoro. Faixa 08 (3min34s).
- BORGES, Jorge Luiz. *Ficções*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- DUARTE, Colmar; SILVA FILHO, Júlio Machado da. Tropeando. Intérprete: Grupo de Arte Nativa Marupiaras. *1ª Califórnia da Canção Nativa do RS*. Porto Alegre: 1971. 1 disco sonoro. Lado B, faixa 4 (3min).
- FOLHA DE S.PAULO. *Três morrem em marcha de supremacistas brancos nos EUA*. São Paulo, 13 ago. 2017. <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/08/1909433-extrema-direita-e-grupos-anti-racismo-se-enfrentam-em-confronto-nos-eua.shtml>>. Acesso em: 13 out. 2017.
- FREITAS, Adair de. Changueiro de Vida e Lida. Intérprete: Luiz Marengo. *Andapago*. Pelotas: 2009. 1 disco sonoro. faixa 09 (5min02s).
- GOLIN, Tau. Manifesto contra o Tradicionalismo. *Gauchismos*, 28 mai. 2007. Disponível em: <http://gauchismos.blogspot.com.br/2007/05/manifesto-contra-o-tradicionalismo_5243.html>. Acesso em: 25 set. 2017.
- GUARANY, Noel. Destino de Peão. Intérprete: Jorge Guedes. *A Volta do Missioneiro*. Porto Alegre: 1996. 1 disco sonoro. Faixa 09 (3min12s).
- LESSA, Luiz Carlos Barbosa. *Rio Grande do Sul, prazer em conhecê-lo*. Porto Alegre: Age, 2013.
- MOLTMANN, Jürgen. *Dio nel Progetto del Mondo Moderno – Contributi per una rilevanza pubblica della teologia*. Brescia: Queriniana, 1999.
- _____. A Biotecnologia à luz da nova Neurobiologia e de uma Teologia Integral. *Humanística e Teologia*, Porto, Tomo XXVIII, Fascículo ½, p. 91-111, 2007.
- _____; BOFF, Leonardo. *Há esperança para a criação ameaçada?* Petrópolis: Vozes, 2014.
- ORNELLAS, Manoelito de. *Gaúchos e Beduínos: a origem étnica e a formação social do Rio Grande do Sul*. 5 ed. Porto Alegre: Edigal/Evangraf, 2012, p. 13.
- RAMIL, Vítor. *A Estética do Frio*. Pelotas: Satolep Livros, 2009.
- WHITE, James F. *Introdução ao Culto Cristão*. São Leopoldo: Sinodal, 2012.